



Instituto de
HISTÓRIA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

MARIANE GODOY DA COSTA LEAL FERREIRA

**A TRAJETÓRIA DA RAINHA TERESA SEGUNDO A HISTORIA
COMPOSTELANA (SÉCULO XII)**

RIO DE JANEIRO

2017

**A TRAJETÓRIA DA RAINHA TERESA SEGUNDO A HISTORIA
COMPOSTELANA (SÉCULO XII)**

MARIANE GODOY DA COSTA LEAL FERREIRA

Instituto de História/CFCH
Bacharelado em História

Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva
Doutora em História

RIO DE JANEIRO
2017

Dedico este trabalho aos meus avós Ademar, Arminda e Cely, minhas fontes de inspiração.

Agradecimentos

Primeiramente gostaria de agradecer à Deus pelo dom da vida. Obrigada por todas as bênçãos e por todo o amor. Obrigada por me proteger e pelo meu resguardo. Agradeço pela minha saúde, apoio e pela minha oportunidade de estudar.

À minha família. Sou muito feliz por ser membro de uma família unida e estruturada. Obrigada pela assistência, carinho e conforto. Obrigada por aceitarem minha troca de curso e por todas as oportunidades que me fizeram chegar até aqui. Obrigada por todos os conselhos e momentos felizes. Obrigada por todo o apoio à minha pesquisa, mesmo sabendo que todos vocês preferem a Rainha Urraca à Rainha Teresa! Amo muito todos vocês!

À minha orientadora Andreia Frazão. Muito obrigada por toda a assessoria e conselhos nestes anos de pesquisa. Agradeço a paciência e sua disposição em me ensinar tanto os ofícios da profissão, como a ser uma pessoa melhor. Obrigada pela oportunidade de orientação, pela bolsa de Iniciação Científica e por toda a ajuda!

À João Magalhães e Alessandra Moura. Sou muito afortunada por ter encontrado amigos como vocês. Obrigada pela companhia, tanto nos momentos bons como nos tristes. Obrigada por me fazerem perceber que minha felicidade deve vir sempre em primeiro lugar. Obrigada por todo o companheirismo, felicidade e suporte que vocês me propiciaram todos estes anos!

Aos amigos da faculdade, que desde o início da graduação sei que sempre posso contar: Duda, por nossos papos literários, astrológicos e culturais e por sempre me incentivar a sair da zona de conforto; Carol, por sua personalidade única e ótima conselheira; Ana, por sua sinceridade, por me fazer rir e nossos almoços de sexta; ao Luca, por sempre ter tempo para conversar no corredor e ao Anderson, por ter me falado pela primeira vez sobre a Rainha Teresa e do Henrique em 2014, no meio da aula de Moderna I! Vocês são muito especiais para mim e tenho certeza que nossa amizade é para a vida toda!

À Laís Luz e Gabriel Braz, meus companheiros de orientação. Obrigada por todo apoio, conselhos e diversão! Sou muito grata por ter compartilhado a Iniciação Científica com vocês e por nossa amizade ter ultrapassado a sala de aula. Obrigada pela paciência e por tentar entender quem é quem da minha pesquisa! Eu sei que as árvores genealogias são bem confusas!

Aos meus companheiros do PEM, do laboratório e aos PIBEXS. Toda a ajuda na pesquisa, críticas e sugestões foram muito importantes para a minha formação, tanto como pesquisadora, como pessoa. Obrigada pelas oportunidades de crescimento e pelo companheirismo.

Gostaria de agradecer ao senhor Francisco Gomes, também conhecido como Chico Zé, funcionário do Tesouro do Museu da Sé de Braga, que no dia 10/07/2015 às 8:45 da manhã fez uma visita guiada ao túmulo da Rainha Teresa e do Conde Henrique e respondeu a todas as minhas perguntas. Fiquei extremamente grata pela oportunidade e por sua paciência.

Resumo

FERREIRA, Mariane Godoy da Costa Leal. **A trajetória da Rainha Teresa segundo a *Historia Compostelana* (Século XII)**. Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva. Rio de Janeiro: UFRJ/IFCS/ Departamento de História; 2017. Monografia (Bacharelado em História).

Desenvolvida no campo de História das mulheres, o principal objetivo desta pesquisa é analisar a trajetória da Rainha Teresa apresentada na *Historia Compostelana*. Ela era filha bastarda do rei Afonso VI de Leão e Castela e foi, por designação do seu pai, governante do Condado Portucalense junto com seu marido, o Conde D. Henrique.

A *Historia Compostelana* foi redigida na primeira metade do século XII, em ambiente eclesiástico. Essa obra narra fatos relacionados à um personagem principal, Diego Gelmírez e suas relações com personalidades tanto leigas como clericais (gesta), compilando documentos e cartas, contextualizando-os (registrum). A narrativa é feita de forma cronológica, dividida em três livros, no qual o primeiro livro narra os antecedentes e bispado de Gelmírez e o segundo e terceiro narram o período correspondente ao seu arcebispado.

A partir de reflexões sobre o contexto, será analisada a forma como a Rainha Teresa foi mencionada na fonte histórica *História Compostelana*, a fim de discutir qual seria a relação entre a perspectiva apresentada pela obra sobre Teresa e a política defendida pelo bispo protagonista.

Palavras Chave: História das Mulheres; Teresa de Leão; Historia Compostelana

Abstract

FERREIRA, Mariane Godoy da Costa Leal. **A trajetória da Rainha Teresa segundo a *Historia Compostelana* (Século XII)**. Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva. Rio de Janeiro: UFRJ/IFCS/ Departamento de História; 2017. Monografia (Bacharelado em História).

Developed in the field of History of Women, the main objective of this research is to analyze the trajectory of Queen Teresa presented in the *Historia Compostelana*. She was a bastard daughter of King Alfonso VI of Leon and Castile and was, by designation of her father, ruler of the Condado Portucalense together with her husband, Count D. Henrique.

Historia Compostelana was written in the first half of the twelfth century, in an ecclesiastical environment. This work narrates facts related to a main character, Diego Gelmírez and his relations with personalities both lay and clerical (gesta), compiling documents and letters, contextualizing them (registrum). The narrative is made chronologically, divided into three books, in which the first book narrates the antecedents and bishopric of Gelmírez and the second and third narrate the period corresponding to his archbishopric.

From the reflections on the context, we will analyze how Queen Teresa was mentioned in the historical source *Historia Compostelana* in order to discuss what would be the relationship between the perspective presented by the work on Teresa and the policy advocated by the leading bishop

Keyword: History of Women; Teresa of Leon; *Historia Compostelana*

Sumário

Introdução.....	1
A trajetória da Rainha Teresa.....	4
O reino de Castela e Leão – Casa de Borgonha: uma aproximação.....	4
Crise Sucessória	9
Família Trava: uma nova aliança.....	13
Sobre a Historia Compostelana e seu protagonista.....	16
A fonte Historia Compostelana.....	16
Perfil do bispo	19
A Rainha Teresa na Historia Compostelana	23
Análise da fonte.....	23
Considerações parciais.....	33
Considerações Finais.....	35
Bibliografia.....	38

Introdução

Neste trabalho de conclusão de curso, pretendo analisar a trajetória da Rainha Teresa e como ela foi caracterizada na *Historia Compostelana*, um documento eclesiástico produzido no século XII. Esta pesquisa enquadra-se no campo de estudos da “História das Mulheres”, que busca reivindicar a atuação das mulheres na história, tornando-as objetos de estudo.

No final do século XI, o rei castelhano-leonês Afonso VI (1065/1072-1109), dando continuidade a uma política de aproximação com reinos do Além-Pireneus, casa sua filha bastarda Teresa com um nobre secundogênito, proveniente da Casa de Borgonha. Ela e seu novo marido, Henrique, passaram a governar o Condado Portucalense, dote do matrimônio.

Com a morte de Henrique, cerca de quinze anos depois, Teresa passa a governar sozinha o condado, assumindo a figura de regente para seu filho Afonso Henriques. Nessa época, a Península Ibérica passava por uma crise sucessória decorrente da morte de Afonso VI sem herdeiros masculinos e do casamento¹ da Rainha Urraca, sua filha, com Afonso I de Aragão. Teresa, que tinha pretensões de aumentar seus territórios e sua influência como governante, passou a adotar uma estratégia de ataques militares ao território da Galiza. Para isso, ela forma uma aliança política com a Família dos Trava, em especial com o Conde Fernão Peres de Trava, um dos membros dessa parentela com quem ela se envolve em um relacionamento. Esse acordo foi benéfico para ambas as partes, visto que promoveu a conquista de uma maior autonomia e o aumento territorial.

No entanto, esse arranjo político desagradou outras figuras políticas da região da Galiza, como, por exemplo, o clérigo Diego Gelmírez. Ele teria permanecido a frente da Igreja de Santiago de Compostelana por quarenta, ocupando o cargo de bispo nos primeiros vinte anos (1100-1120) e o de arcebispo posteriormente (1120-1140). Seu plano era conquistar o máximo de recursos e vantagens para a Sede Compostelana, como também para o seu próprio senhorio. Sendo assim, ele forma diversas alianças, com leigos e membros do clero, sempre adotando uma postura ambígua que visasse atingir seus objetivos imediatos.

¹ A união teria ocorrido em setembro de 1109, porém gerou uma crise política em todo o território de Leão e Castela na segunda década do século XII.

Como forma de se promover, Diego Gelmírez teria encomendado ao seu círculo pessoal a escrita da *Historia Compostelana*, um documento para narrar toda a sua trajetória e seus feitos durante a chamada “Época Gelmíriana”. Esta obra se encaixa no gênero literário da crônica cartulário (*gesta* + *registrum*),² e está dividida em três livros: o primeiro livro narra os antecedentes e bispado de Gelmírez e os segundo e terceiro narram o período correspondente do seu arcebispado do mesmo.

Como a obra tinha o objetivo de propaganda dos feitos do clérigo, apresenta diversas passagens que demonstram o bispo interagindo com outros personagens, sejam eles leigos ou clérigos, nas quais, através de uma comparação muitas vezes sutil, a personalidade do bispo é ainda mais destacada em relação as dos demais.

A *Historia Compostelana* foi escrita contemporaneamente aos fatos apresentados por quatro clérigos.³ Há alguns momentos em que os próprios autores afirmam ter testemunhado a situação tratada. No entanto, é válido ressaltar que muitas vezes um episódio narrado pode ter sido alterado pelo autor para valorizar ainda mais a figura de Diego Gelmírez, para, assim, justificar as posições políticas e ações do arcebispo, reafirmando a ideia de que o clérigo visava apenas o bem da comunidade de Santiago de Compostela.

Dessa forma, nesse trabalho apresento as reflexões e considerações sobre a análise da forma como a Rainha Teresa e sua trajetória foram mencionados ao longo da *Historia Compostelana*. Me atentarei a forma como ela e os outros personagens secundários nas passagens foram apresentados, tanto seus atributos e ações, em seis menções, que trataram de aspectos diversos da vida dessa mulher sob o olhar dos partidários do Diego Gelmírez, uma personalidade com uma política oposta à dela. Será que as características destacadas nessa personagem resultam apenas do fato dela ter se posicionado de forma contrária ao bispo?

Nessa pesquisa, destacarei também as situações e seus contextos que foram escolhidas pelos autores para promover ainda mais a imagem do protagonista em relação

² Gênero literário que narra fatos de um personagem (*gesta*), como também compila documentos e cartas, os contextualizando (*registrum*). SILVEIRA, Marta de Carvalho. *Amor e poder: o casamento de Urraca e Alfonso*. Setembro de 1996. Dissertação de mestrado (Mestrado em história social). Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: UFRJ, p.30-31.

³ A obra trata principalmente do período correspondente à 1100 – 1140 e foi escrita entre 1107 – 1149.

à Condessa de Portucale, e como esses momentos se encaixam na sua trajetória. Assim, propomos as seguintes questões iniciais: de que forma as menções à Rainha Teresa puderam contribuir para a formação da imagem positiva de Diego Gelmírez? Essas menções a tratam sempre da mesma forma, ou modifica-se de acordo com o contexto? Em caso de mudanças na caracterização, como explica-las?

Nossa monografia está dividida em três capítulos, além da conclusão final. O primeiro capítulo, “A trajetória da Rainha Teresa”, aborda aspectos biográficos da vida dessa mulher. O segundo, “Sobre a *Historia Compostelana* e seu protagonista”, trata do panorama geral da obra e de seu contexto de produção, como também do perfil do protagonista, o Bispo Diego Gelmírez. E o terceiro, “A Rainha Teresa na *Historia Compostelana*”, concentra-se na análise das menções feitas a ela no documento.

Capítulo I

A trajetória da Rainha Teresa

Neste capítulo, serão tratados aspectos historiográficos acerca da biografia da Rainha Teresa de Leão e do contexto em que ela viveu, séculos XI- XII, que permitirão um melhor entendimento da sua trajetória e do documento que será analisado posteriormente.

O reino de Castela e Leão – Casa de Borgonha: uma aproximação

Os reinos cristãos peninsulares, durante o século XI, prosperaram após uma trégua nos conflitos com os reinos muçulmanos e normandos.¹ O crescimento demográfico teria ocorrido a partir do reavivamento da via de peregrinação francesa à cidade de Santiago de Compostela,² que ligava a Galiza às cidades do Além Pirineus, trazendo uma série de novas ideias, impulsionando a vida urbana e comercial peninsular. Também teriam trafegado pela rota guerreiros provenientes de Borgonha, Aquitânia e Normandia com o intuito de lutar contra os “infiéis”,³ em troca de terras e títulos.

Os reis Sancho III de Pamplona (1000-1035) e seu filho Fernando I de Castela (1035-1065) começaram a empreender uma política ligada à aproximação com os franceses, em especial com a Abadia de Cluny,⁴ localizada em Borgonha. Porém, foi no

¹ Cf. RUCQUOI, Adeline. *História medieval da Península Ibérica*. Lisboa: Estampa, 1995. pp.131-205

² Segundo a tradição, o corpo do apóstolo Santiago foi descoberto na Península Ibérica no século VIII e no início do século X, os primeiros peregrinos começaram a se dirigir para a Galiza, em busca de bênçãos. Porém, apenas na primeira metade do século XI, com o enfraquecimento das ameaças externas (normandos e califado de Córdoba), a peregrinação ganha forças e a localidade de Santiago de Compostela deixa de ser um pequeno povoado para se transformar em uma das cidades-santuário mais populares do mundo cristão ocidental, perdendo apenas para Roma e Jerusalém. In: SILVEIRA, Marta de Carvalho. *Amor e poder: o casamento de Urraca e Alfonso*. 1996. Dissertação de mestrado (Mestrado em história social). Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: UFRJ, 1996. pp.103-107.

³ No ano de 1095, no Concílio de Clermont, o Papa Urbano II (1088-1099) faz um apelo a luta contra os muçulmanos, que na Península Ibérica significava a busca pelas terras que precisavam ser submetidas à Cristandade. Sendo assim, cavaleiros, sem propriedades e títulos, foram atraídos à região com a promessa de salvação e territórios. *Ibid.*, p. 116.

⁴ Fundada na região de Borgonha em 909, em um contexto marcado pela luta contra a influência laica em questões eclesásticas. Desta forma, os monges desta abadia reconheceriam com

reinado de Afonso VI (1065/1072-1109) que esta estratégia se intensificou. Os monarcas da Península financiaram a construção de mosteiros cluniacenses em solo hispânico, realizaram doações e concederam privilégios para os religiosos ligados à Cluny, como, por exemplo, o arcebispo de Toledo, Bernardo.⁵ Ele teria vindo para a Península com o intuito de estreitar a relação entre o reino castelhano-leonês e o Instituto Religioso e aconselhar o rei Afonso,⁶ enquanto implantava o seguimento da regra beneditina, à semelhança de Cluny, nos mosteiros peninsulares.⁷

A política e o contato entre ambos os reinos permitiram também a criação de alianças marcadas pelo matrimônio, em especial no reinado de Afonso VI. Este rei, ao longo de sua vida, teria se casado quatro vezes com mulheres provenientes da França,⁸ como também, dando continuidade a essa estratégia, casou duas de suas filhas com nobres borgonheses. O intuito era perpetuar o seu poder e garantir uma descendência comum com a Casa de Borgonha, ratificando o apoio que teria de membros influentes daquela família, como o abade Hugo de Cluny.

No ano de 1080, o rei Afonso VI casa-se (pela segunda vez) com a nobre Constança, membro da família ducal de Borgonha, um dos ramos da dinastia capetíngia. Seu pai era Roberto da França, o primeiro duque de Borgonha e irmão mais novo do rei Henrique I (o rei capeto). Sua mãe era a nobre Hélia de Semur, cujo irmão, Hugo, era o abade de Cluny (1049-1109).⁹

autoridade apenas o Papa, fugindo do raio de poder de senhores laicos, e restauraram, de modo mais rigoroso, a regra beneditina. O abade de Cluny passou a ser a figura proeminente da cristandade ocidental, perdendo apenas para o Papa. *Ibid.*, pp. 167-168.

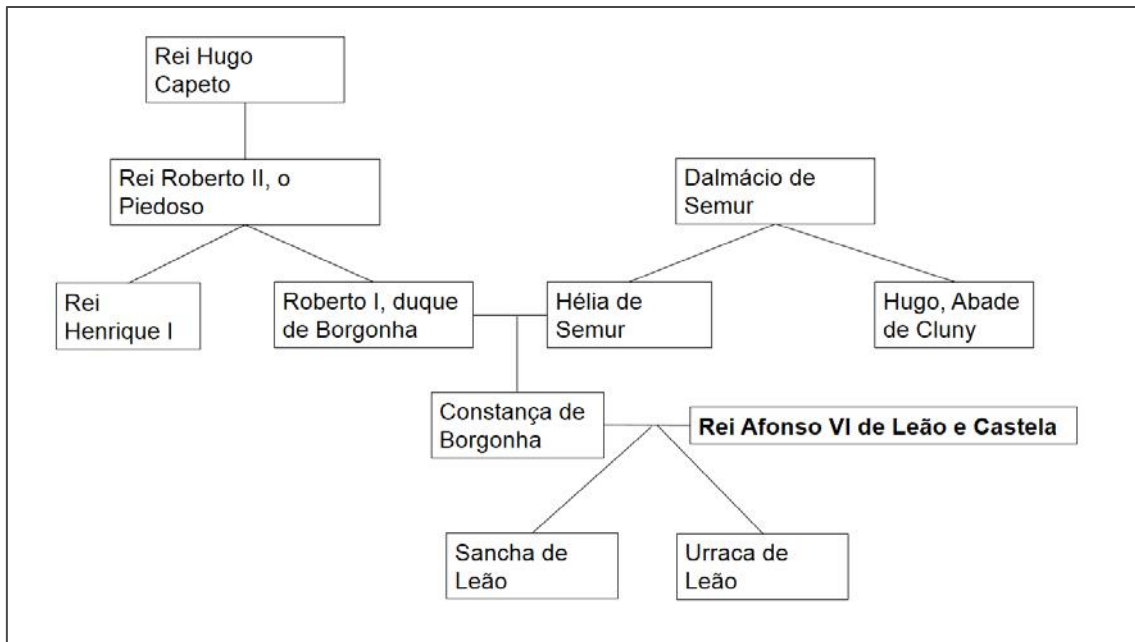
⁵ Bernardo de Sédillac foi um monge no mosteiro cluniacense de S. Orens de Auch, e partiu para a Espanha a pedido de Hugo de Cluny com o objetivo de servir o rei Afonso VI, com a missão de organizar a observância da disciplina cluniacense e aconselhar o monarca. Foi nomeado abade no mosteiro de Sahagún em 1080, ano do casamento do rei de Leão e Castela com Constança, rainha que o ajudou a se eleger para a Metrópole de Toledo, após a conquista desta em 1085. SOARES, Torquato de Sousa. *O governo do Conde Henrique de Borgonha*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1975. p. 378.

⁶ SILVEIRA, Marta de Carvalho. *Amor e poder: o casamento de Urraca e Afonso*. 1996. Dissertação de mestrado (Mestrado em história social). Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: UFRJ, 1996. pp.192-193.

⁷ SOARES, Torquato de Sousa. *op.cit.* p.378.

⁸ Considerando que a moura Zaida (Isabel) não teria sido legítima, Afonso VI teria se casado quatro vezes: a primeira vez com uma mulher vinda da Aquitânia, a segunda e a terceira com borgonhesas e a quarta com uma mulher de Poitiers, também localizada na França.

⁹ O abade Hugo de Cluny também era tio avô de Henrique, o sobrinho de Constança, que se casou com uma das filhas do rei.



Árvore genealógica da família da Rainha Constança de Borgonha.¹⁰

A historiografia¹¹ defende que o próprio Hugo teria ajudado a promover o matrimônio de sua sobrinha, como mais uma peça de seus avanços políticos na Península Ibérica. De fato, a rainha Constança, ao longo de seu casamento teria sido uma das principais incentivadoras das reformas cluniacenses em todo o território governado por seu marido, juntamente com o Arcebispo Bernardo de Toledo,¹² que também assessorou a união.

Do enlace, o casal teria tido seis filhos, no entanto, apenas duas meninas (Urraca e Sancho) teriam sobrevivido. O casamento teria chegado ao seu fim com a morte da rainha no ano de 1093, gerando assim o terceiro casamento do rei. Porém, nesta mesma época, ele teria se envolvido com uma nobre castelhana chamada Ximena Moniz, com quem teve duas filhas, Teresa e Elvira. Para essa pesquisa, trabalharei apenas com a trajetória de Teresa.¹³

¹⁰ Minha autoria.

¹¹ SILVEIRA, Marta de Carvalho. *Amor e poder: o casamento de Urraca e Alfonso*. 1996. Dissertação de mestrado (Mestrado em história social). Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: UFRJ, 1996. p.168.

¹² Ver nota 5.

¹³ Também mencionarei aspectos da trajetória de sua irmã Urraca, visto que alguns acontecimentos da vida dela influenciaram diretamente Teresa.

No ano de 1091, a filha mais velha e legítima de Afonso VI, Urraca de Leão, casase com Raimundo, membro da família condal de Borgonha e irmão da terceira esposa do rei, Berta.¹⁴ Ele era o quarto filho do Conde Guilherme I, logo, sem pretensões de assumir o título de seu pai e as terras. Sendo assim, teria partido para a Península Ibérica, a fim de lutar contra os mouros, juntamente com seu primo Eude I,¹⁵ futuro duque de Borgonha. A historiografia afirma que ele teria frequentando a corte de Afonso VI desde 1090, embora o casamento só tenha se ocorrido um ano depois, provavelmente para respeitar a idade núbil de Urraca. Após o matrimônio, o casal permaneceu na corte, pois o dote, o governo da Galiza, foi concedido ao casal apenas três anos depois, em 1093.

As estratégias políticas que visavam à aproximação dos reinos peninsulares com Cluny gerou um descontentamento de membros do clero e nobres locais, que viram seu poder e sua zona de influência perderem espaço com a chegada de ritos moldados pela ordem monástica, como também com a tomada de cargos eclesiásticos por estrangeiros, no lugar de hispânicos. Diante dessa realidade, revoltas surgiram no final do século XI nos reinos de Leão e Castela, cabendo ao rei Afonso VI cessá-las.

Uma dessas revoltas teria ocorrido na Galiza, quando o Bispo Diego Páez (Diego I de Compostela) e um nobre local chamado Rodrigo Ovêquiz teriam tentado conquistar a independência da região em 1088.¹⁶ Ambos eram partidários do antigo rei Garcia, irmão de Afonso VI, que foi destronado e preso. Demorou cerca de dois anos para que o rei Afonso conseguisse extinguir o movimento.

Para evitar que novas agitações aparecessem depois dessa, ele concede, em forma de dote, o governo da Galiza, em formato de condado, para sua filha Urraca e seu genro Raimundo no ano de 1091. O território correspondia a região da Galiza e do Condado de Portucale, que estava sob o poderio de Afonso VI desde a prisão de Garcia. Com membros da família no comando das terras, o rei teria um maior controle e proteção.

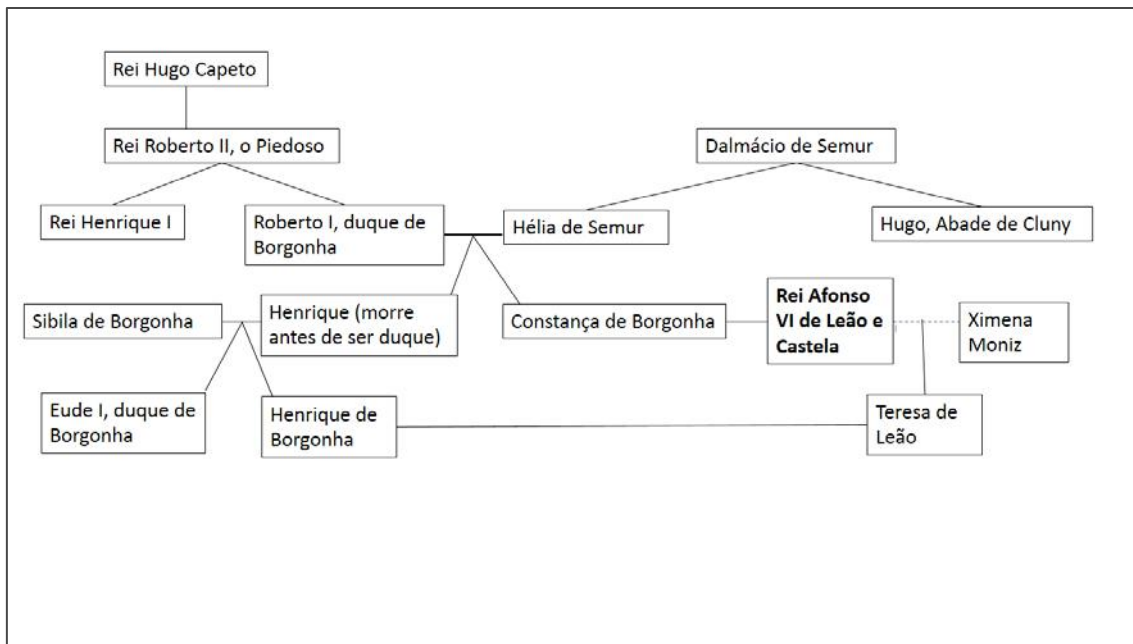
Teresa, a filha ilegítima de Afonso VI, também se casou com um nobre vindo de Borgonha no ano de 1096. Henrique era primo de Raimundo por parte de mãe, Sibila de Borgonha, que era irmã do Conde Guilherme I, pai de Raimundo, e sobrinho da Rainha

¹⁴ Na época do casamento de Urraca, a união de Berta com o rei Afonso VI ainda não teria se realizado.

¹⁵ Irmão de Henrique, marido de Teresa, filha de Afonso VI.

¹⁶ LÓPEZ FERREIRO, A. *Historia de La Santa A. M. Iglesia de Santiago de Compostela*: Santiago de Compostela, 1898-1909. V. 2, pp. 151-179.

Constança, já falecida na época do casamento, que era irmã de seu pai, o nobre Henrique de Borgonha (que morreu antes de ser o duque de Borgonha). Desde modo, Henrique, o marido da princesa castelhana-leonesa era sobrinho-neto de Hugo de Cluny, relação de parentesco sempre lembrada, visto que a busca pelos conselhos do abade foi bastante recorrida ao longo de sua vida.



Árvore genealógica da família do Conde Henrique de Borgonha.¹⁷

Possivelmente, Urraca não teria se casado com Henrique, que era membro da família ducal de Borgonha e descendente de Hugo Capeto, devido às novas medidas da Igreja Romana acerca do parentesco entre eles. Por ele ser sobrinho da Constança, Henrique seria primo de primeiro grau de Urraca, uma relação vista como incestuosa, logo, ilícita pelos padrões da Igreja Romana. Já o casamento com Teresa teria tudo para ser lícito, pois o casal não tinha nenhum laço familiar em comum. No entanto, em sua pesquisa, Torquato de Souza Soares escreve que na época em que o casamento teria sido realizado a futura esposa, Teresa, teria apenas dois anos de idade, enquanto Henrique teria por volta de dezessete anos, contrariando a mudança feita pela Igreja Romana de que ambos os noivos deveriam consentir com a união.

¹⁷ Minha autoria.

A quebra desta regra por Afonso VI, segundo Soares, foi motivada em razão da derrota que o exército de Raimundo teria sofrido pelos almorávidas em Lisboa, em fins do ano de 1094 e início de 1095. Este fato motivou o casamento de Henrique e Teresa às pressas. O rei castelhano-leonês, com medo da escassa proteção de seus territórios no leste da península, decide separar as terras que estavam sob o comando de Raimundo e dar a porção sul, correspondente ao anterior Condado Portucale, ao nobre Henrique, que recebeu o título de conde, e a sua esposa, a criança Teresa. Após o enlace, Henrique não ficou dependente de seu primo, o antigo proprietário das terras. Soares afirma que ele já teria dado provas do seu valor e competência militar na luta contra os “infiéis”. Desta forma, ele ficaria ligado apenas ao seu suserano e sogro, Afonso VI.

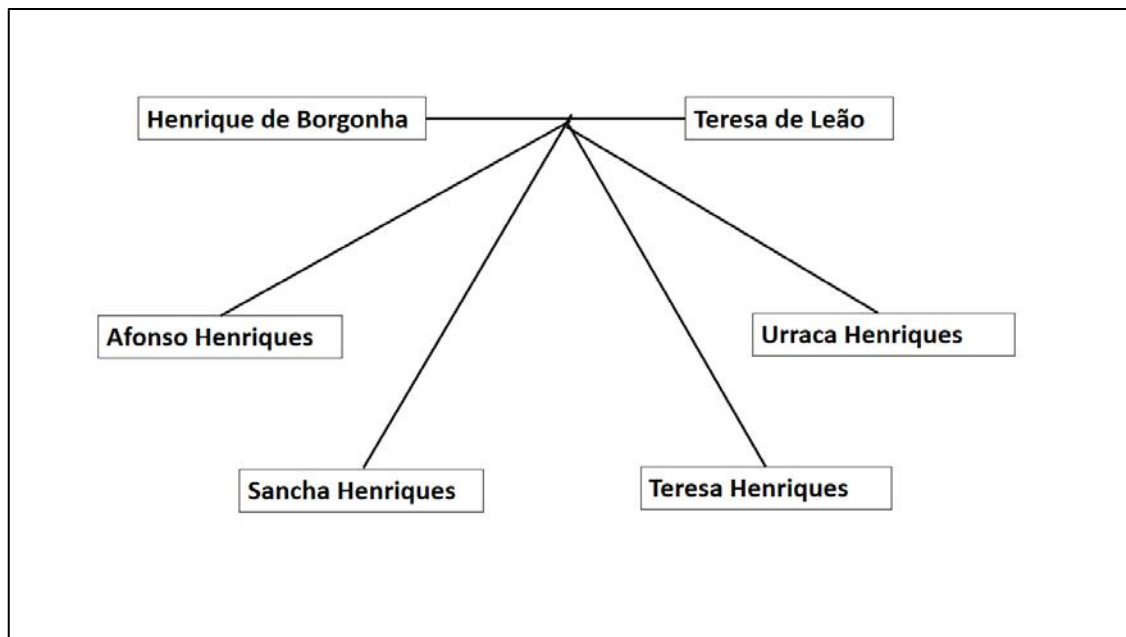
Como o Condado de Portucale estaria enfrentando ameaças almorávidas na sua fronteira sul, Henrique, recém-casado, estaria em campanha na fronteira do rio Tejo, enquanto Teresa estava sob os cuidados do seu aio (tutor) Soeiro Mendes e de sua esposa Gontronde Moniz.¹⁸ O casal, na verdade, era formado por seus tios maternos, visto que Gontronde era a irmã de Ximena Moniz, mãe de Teresa.

Durante seu governo, Henrique teria elegido cortesões franceses para ocupar cargos políticos, gerando assim impopularidade com a aristocracia hispânica, que os consideravam com intrusos. De fato, a sua criação e a sua infância foram diferentes da dos nobres peninsulares e teria lhe permitido o contato com o tio-avô, Hugo de Cluny.

Crise Sucessória

O casal de condes, Henrique e Teresa, teria governado o Condado sem grandes complicações. O casal teria tido quatro filhos, três meninas (Urraca, Sancha e Teresa) e um menino, Afonso Henriques, garantindo assim a sucessão do governo.

¹⁸ SOARES, Torquato de Sousa. *O governo do Conde Henrique de Borgonha*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1975. p.374.



Filhos da Rainha Teresa e do Conde Henrique.¹⁹

Porém, o casal sempre almejou aumentar o território e o poder. Eles tinham a pretensão de herdar uma parte da herança de Afonso VI, mesmo Teresa sendo a filha bastarda do rei. Anteriormente, tanto o rei Sancho III de Pamplona (bisavô de Teresa), como Fernando I, o Magno (avô de Teresa), ao morrerem (o primeiro em 1135 e o segundo em 1165), teriam dividido suas terras com seus filhos, inclusive entre os bastardos. Sendo assim, a condessa tinha uma expectativa de herança, que acabou sendo frustrada. Primeiramente, porque a configuração política do reino era outra durante o reinado de seu pai e a costumeira divisão não tinha mais espaço político.

Ao longo do seu governo, Afonso VI alcançou conquistas militares, em especial a antiga capital do reino visigodo, Toledo, em 1085, deslocando cada vez mais o limite do seu território. Com essa campanha militar, passou a carregar o título de “Imperador de toda Hispania”.²⁰ Sendo assim, dividir todo o seu império após a sua morte não estava em seus planos centralizadores.

Outro fato que dificultou a situação de Teresa seria a legitimidade do seu nascimento. Como dito anteriormente, Afonso VI teria se casado vezes, porém até o fim do século XI só sobreviveram filhas do sexo feminino, duas legítimas e duas bastardas.

¹⁹ Minha autoria.

²⁰ MATTOSO, José. *D. Afonso Henriques*. Rio de Mouro: Círculo de Leitores, 2006. p. 19

Marta Silveira²¹ escreve que na falta de um filho varão, uma mulher poderia ascender ao trono em Leão e Castela. Sendo assim, a princesa Urraca, mais velha e legítima, teria direito a herança e ao cargo de rainha. Todavia, essa situação modificou-se. Por volta dos anos 1100, o rei Afonso VI teria se envolvido em um relacionamento extraconjugal com uma mulher de origem moura chamada Zaida (batizada como Isabel).²² Dessa relação, o casal teria tido três filhos, duas meninas e um menino, chamado Sancho Afonses, nascido entre 1099 e 1101.

Afonso VI decide reconhecer o menino como seu legítimo sucessor no lugar de Urraca, confrontando as perceptivas de heranças tanto de Urraca e de Teresa (que tinha expectativa de herdar algo até a morte de seu pai), como de seus maridos, Raimundo e Henrique, que almejavam o poder que seria dado a suas esposas.

Raimundo e Henrique teriam, então, firmado um pacto secreto com o intuito de formar uma aliança contra os planos do sogro. Sendo assim, perante o enviado cluniacense Dalmácio Geret, o Arcebispo de Braga, Geraldo, e o Arcebispo de Toledo, Bernardo, Henrique se comprometeu a ajudar e aconselhar Raimundo como herdeiro do trono castelhano-leonês e, em troca, ganharia o governo hereditário de Toledo e do seu antigo reino Taifa, com um terço de todo o tesouro da cidade; caso seu primo não pudesse entregar Toledo, concederia a Galiza.²³ Torquato Soares, ao escrever sobre o pacto, afirma sobre o seu caráter sagrado, devido à intervenção de um representante religioso. Dessa forma, ele valeria inclusive após a morte de Raimundo, ocorrida em 1107, obrigando Henrique a defender os interesses de seu sobrinho, Afonso Raimundes.²⁴

É possível concluir que a Igreja Hispana e a ordem cluniacense não reconheciam o relacionamento de Afonso VI com Isabel, e muito menos a hereditariedade de Sancho Afonses, que por ser filho de uma mulher de origem moura, colocava em risco os reinos cristãos do Norte à intimidação almorávida. Logo, Raimundo e seu filho recém-nascido

²¹ SILVEIRA, Marta de Carvalho. *Amor e poder: o casamento de Urraca e Afonso*. 1996. Dissertação de mestrado (Mestrado em história social). Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: UFRJ, 1996. pp.188-189.

²² Ela era a viúva do filho do rei mouro de Sevilha Al- Mutamid, que tinha sido assassinado pelos almorávidas em 1091, e concedida à Afonso VI como sua concubina. SOARES, Torquato de Sousa. *O governo do Conde Henrique de Borgonha*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1975. pp 184-185.

²³ MARQUES, Antônio Henrique de Oliveira. *História de Portugal*. Lisboa: Palas, 1974. pp.63.

²⁴ SOARES, Torquato de Sousa. *O governo do Conde Henrique de Borgonha*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1975. p.384.

Afonso Raimundes seriam opções mais apropriadas e cristãs para ocupar o trono, possibilitando inclusive a influência direta de Cluny na direção do reino. Isso explicaria a presença de homens ligados a essas instituições no estabelecimento do pacto sucessório.

De qualquer forma, os planos de Afonso VI não deram certo. Seu herdeiro, em maio de 1108, ao participar juntamente com seu aio, o nobre Garcia Ordonhez, da Batalha de Uclés, entre os almorávidas e os cristões, morreu, gerando uma crise sucessória no governo de Leão e Castela.²⁵ Uclés era um castelo que protegia a cidade de Toledo, a antiga capital do reino visigodo. O apoderamento desse castelo colocava em risco a segurança do reino cristão. Outro problema que resultou dessa batalha foi a morte de sete nobres militarmente estratégicos para o reino.

Para resolver a situação, Afonso VI convoca as Cortes de Toledo, na primavera/verão de 1108, e anuncia a toda a sua corte que a sua filha legítima Urraca, já viúva de Raimundo há quase um ano, iria se casar com o rei Afonso I de Aragão, com o intuito de unir forças contra a presença muçulmana. A princesa até poderia herdar o trono sozinha, no entanto, seu pai opta por casá-la novamente para evitar o enfraquecimento do reino e uma crise interna promovida entre os nobres que desejavam desposá-la, visto que seu filho Afonso Raimundes ainda era uma criança com dois ou três anos. Essa medida não foi favorável ao partido francês e principalmente Henrique e Teresa, pois a nova proposta de casamento romperia com toda a política borgonhesa de colocar Afonso Raimundes, um príncipe com sangue de Borgonha no trono, e a própria influência que eles poderiam obter sob o novo rei.

O casamento entre Urraca e Afonso I foi concretizado no mês de setembro do ano de 1109, cerca de dois meses após a morte de Afonso VI.²⁶ O enlace acaba gerando a ação de diversos grupos contrários, resultando em uma crise política nos reinos cristãos do Norte da Península Ibérica, que duraria quase uma década. Marta Silveira desenvolveu sua pesquisa²⁷ acerca dos acontecimentos que sucederam essa união no século XII. Ela afirma que os partidos, cada qual com seus interesses específicos, contribuíram para a nulidade do casamento, em 1110, oficialmente pelo papa Pascoal II (1109-1118). Porém,

²⁵ *Ibid.*, pp. 376-377.

²⁶ SILVEIRA, Marta de Carvalho. *Amor e poder: o casamento de Urraca e Afonso*. 1996. Dissertação de mestrado (Mestrado em história social). Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: UFRJ, 1996. p. 202

²⁷ *Ibid.*, pp.214-238.

mesmo após a separação, conflitos armados sucederam nos reinos cristãos da Península Ibérica nos anos que se seguiram.

Dos grupos de oposição, podemos destacar os condes portugueses Teresa e Henrique, que, como já dito, tinham interesse em conquistar uma maior autonomia para o condado de Portugale e por isso, durante os conflitos, mudavam de lado de acordo com sua conveniência. Além disso, a nobreza galega, liderada pelo conde Pedro Froillaz de Trava, tinha o objetivo de conquistar a autonomia da Galiza e benefícios, caso o infante Afonso Raimundes fosse o sucessor ao trono.²⁸

Com a morte de Henrique, no ano de 1112, Teresa continua com sua postura ambígua no cenário da Península Ibérica do século XII, fazendo e desfazendo alianças de acordo com seus interesses imediatos. Em 1116, ela se junta com a Família Trava em um cerco à sua irmã, a Rainha Urraca, no castelo de Sobroso. Eles tinham como objetivo conquistar uma maior autonomia tanto para a região da Galiza como para o Condado Portucalense,²⁹ através do reconhecimento do infante Afonso Raimundes como herdeiro do trono. Em 1117, Teresa passa a se intitular rainha como uma forma de reconhecimento social da sua posição de filha do rei Afonso VI, embora bastarda, e assim, impor sua campanha militar e ambições políticas, igualando-se a sua irmã a Rainha Urraca.

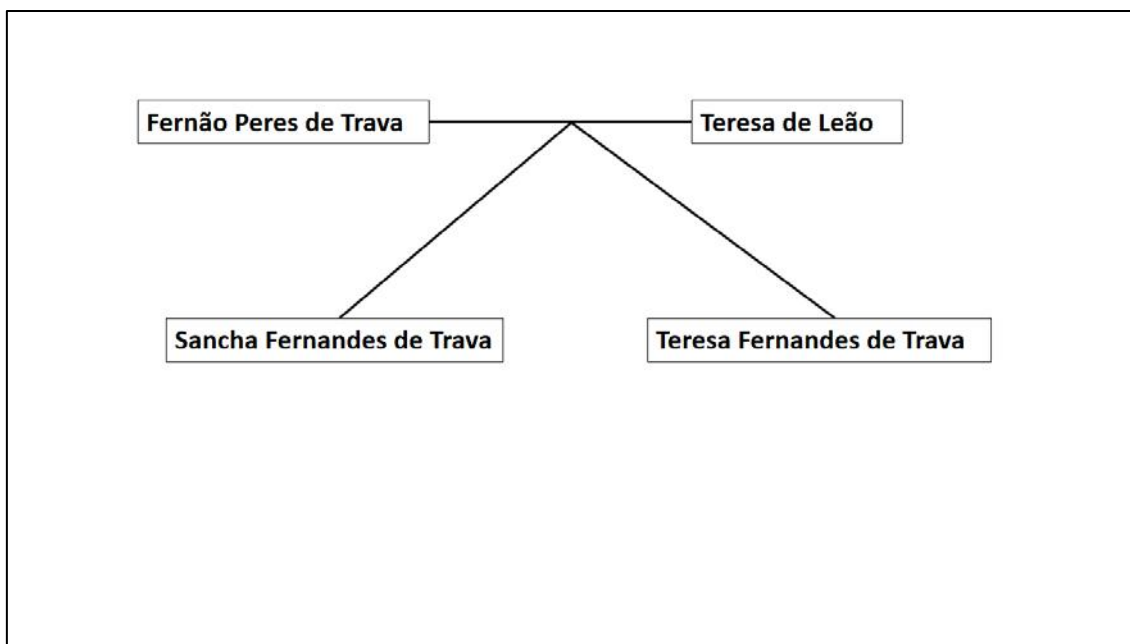
Família Trava: uma nova aliança

Essa aliança entre a família Trava e a Rainha Teresa foi além do campo político, visto que ela teve um relacionamento conjugal com um dos filhos de Pedro Froillaz, o Conde Fernão Peres de Trava.³⁰ Juntos, o casal tiveram duas meninas:

²⁸ Silveira afirma que caso Urraca e Afonso I de Aragão viessem a ter filhos, a criança herdaria o trono no lugar de Afonso Raimundes, filho da mesma com o primeiro marido. *Ibid.*, pp.215-216

²⁹ *Ibid.*, p. 31.

³⁰ MATTOSO, José. *D. Afonso Henriques*. Rio de Mouro: Círculo de Leitores, 2006. pp. 31-32



Filhos da Rainha Teresa e do Conde Fernão Peres de Trava.³¹

Porém, essa relação não foi plenamente aceita por seus contemporâneos. Muitos, em especial os eclesiásticos,³² a viam como algo ilícito, pois Fernão teria repudiado sua primeira esposa, ainda viva, para viver ao lado de Teresa. No entanto, para outros grupos, como os nobres leigos, a união deles era legítima: um relacionamento conjugal formado por uma aliança política.³³

Uma estratégia política que aproximou ainda mais Teresa dos Trava foi o casamento de Urraca Henriques, filha de Teresa com seu primeiro marido, Henrique, com Bermudo Peres de Trava, irmão de Fernão.

José Mattoso³⁴ afirma que o Conde Fernão se estabeleceu na corte de Teresa a partir de janeiro de 1121, e foi contemplado com a tenência de Coimbra. Esse novo arranjo desagradou alguns nobres do Condado Portucalense, que, nos anos seguintes, cortaram seus apoios ao governo da rainha, ao retiraram-se fisicamente da corte. Eles percebiam a presença do companheiro da soberana, e de outros galegos, como uma intromissão à autoridade do Condado, trazendo um risco à autonomia senhorial

³¹ Minha autoria.

³² *Ibid.*, pp. 31.

³³ Como por exemplo a *Chronica Gothorum* (CHRONICA GOTHORUM, Frei António Brandão, *Monarquia Lusitana*, Parte Terceira, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1973, págs. 129-137.) e a *Vita Thellonis Archidiaconi* (Vita Thellonis Archidiaconi. In: NASCIMENTO, Aires A. (Ed.). *Hagiografia de Santa Cruz de Coimbra: Vida de D. Telo, Vida de D. Teotônio e Vida de Martinho de Soure*. Lisboa: Colibri, 1998. pp. 54-121.

³⁴ MATTOSO, *op.cit.* p. 36.

Portugalense,³⁵ como já havia acontecido anteriormente no governo do Conde Henrique, quando ele havia nomeado franceses ligados à Borgonha e à Cluny para exercer cargos eclesiásticos e leigos.

A partir da intensificação dessa rivalidade e da proximidade da Rainha Teresa com Fernão Peres de Trava, que saía da esfera política para a esfera particular, o infante Afonso Henriques, filho da Rainha com o seu primeiro marido, já armado cavaleiro em Zamora em 1125, junta-se aos nobres revoltosos na Batalha de São Mamede, ocorrida em 1128, na qual Teresa, Fernão e seus seguidores foram derrotados e exilados do condado.³⁶ A historiografia não possui muitas informações desse período de sua vida. Sabe-se que pelo documento contemporâneo *Chronica Gothorum*³⁷ que ela, teria vivido mais dois anos, provavelmente na companhia de Fernão Peres de Trava e teria morrido no dia 1 de novembro de 1130.

A Batalha de Mamede, que gerou o exílio de Teresa, foi considerada, por documentos contemporâneos ao evento, como um possível pontapé inicial³⁸ do reino de Portugal, do qual Afonso Henriques seria o primeiro rei da Dinastia Borgonhesa.³⁹

³⁵ *Ibid.*, pp. 36-37.

³⁶ *Ibid.*, p. 46.

³⁷ Cf. CHRONICA GOTHORUM, Frei António Brandão, *Monarquia Lusitana*, Parte Terceira, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1973. p.129-137.

³⁸ *Ibid.* p. 129-137.

³⁹ MATTOSO, José. D. *Afonso Henriques*. Rio de Mouro: Círculo de Leitores, 2006, *passim*.

Capítulo II

Sobre a *Historia Compostelana* e seu protagonista

Neste capítulo será trabalhado a *Historia Compostelana*. Será traçado primeiramente um panorama geral da obra e seu contexto de produção, e em seguida descreverei o perfil do seu protagonista o bispo/arcebispo Diego Gelmírez, definindo como a sua política relaciona-se com a figura da Rainha Teresa.

A fonte *Historia Compostelana*

A fonte de natureza eclesiástica *Historia Compostelana*¹ foi escrita no século XII, entre os anos de 1107 e 1149, na cidade de Santiago de Compostela. O objetivo da mesma era o de ressaltar e “tornar público” os feitos do bispo/arcebispo Diego Gelmírez² (1100-1140)³ para a sede compostelana e destacar também as atitudes tomadas pelo clérigo no contexto político em que ocupou o cargo (durante o reinado de Afonso VI, Urraca de Leão e Afonso VII em Castela e Leão) até a sua morte.

A obra poderia se encaixar no gênero literário da crônica cartulário (*gesta* + *registrum*), pois narra fatos de um personagem (*gesta*), como também compila documentos e cartas, contextualizando-os (*registrum*).⁴ A narrativa é feita de forma cronológica, dividida em três livros, no qual o primeiro livro narra os antecedentes e bispado de Gelmírez e o segundo e terceiro narram o período correspondente do seu arcebispado.

¹ Utilizarei a versão crítica desta obra elaborada por Emma Falque, de 1994, na qual ela utilizou cerca de dezoito manuscritos e antigos fragmentos do documento para compô-la. *HISTORIA COMPOSTELANA*. Edição crítica de E. Falque. Madri: Akal, 1994.

² Também conhecido como Diego II.

³ Os anos de 1100 até 1120 correspondem ao período do seu bispado. Em 1120, o Papa Calisto II (1119-1124), elevou a diocese à categoria de arquidiocese. Diego, então, na função de arcebispo, ocupou o cargo até sua morte em 1140.

⁴ SILVEIRA, Marta de Carvalho. *Amor e poder: o casamento de Urraca e Alfonso*. Setembro de 1996. Dissertação de mestrado (Mestrado em história social). Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: UFRJ, pp 30-31.

O próprio personagem central, Gelmírez, teria recomendado a escrita à quatro clérigos,⁵ ligados ao seu círculo pessoal, que, ao escreverem, empenharam-se em veicular um discurso pró-Gelmírez, destacando todas as suas qualidades e benfeitorias à Sede Compostelana. São eles: Nuño Alfonso (também pode aparecer como Munio Alfonso), que trabalhou na administração da sede compostelana como tesoureiro e posteriormente se tornou bispo de Mondoñedo; Hugo, que foi arcediogo da Igreja Compostelana e posteriormente bispo de Porto; Geraldo, que foi cônego da Igreja de Santiago, e Pedro, que foi capelão da Igreja de Santiago.

Como a obra tinha o objetivo de propaganda dos feitos do clérigo, apresenta diversas passagens que demonstram o bispo interagindo com outros personagens, sejam eles leigos ou clérigos, nas quais, através de uma comparação muitas vezes sutil, a personalidade do bispo é ainda mais destacada em relação as dos demais.

Depois que o rei [Afonso VII] pôs fim ao seu discurso, o senhor compostelano Compostela [Diego Gelmírez], embora não duvidasse de que ele havia falado fingindo e suspeitava da traição mais acima tramada por seus amigos, lhe respondeu benevolentemente. Pois lhe disse que queria permanecer sempre em seu amor e benevolência e que por nenhum motivo se apartaria alguma de sua fidelidade e serviço.” [Tradução livre]⁶

Nessa passagem, por exemplo, em uma cena do rei Afonso VII de Leão e Castela e de Diego Gelmírez, o jovem rei lhe afirma que passa por necessidades financeiras e termina lhe pedindo dinheiro do tesouro de Santiago. Segundo uma nota explicativa da editora Emma Falque, o objetivo do rei seria usar tais recursos em uma de suas campanhas militares, mais precisamente contra a Rainha Teresa no território do Condado Portucalense. Porém, o arcebispo⁷ mesmo sabendo que o rei estaria o enganando acerca da falta de recurso do tesouro real, responde, como assinalado pelo autor, à traição e mentira do jovem rei, com benevolência, fidelidade e serviço.

⁵*Ibid.*, pp 33-45.

⁶ Na edição de Emma Falque: “Después que el rey puso fin a su discurso, el señor compostelano aunque no dudaba de que él había hablado fingiendo y había sospechado de la traición más arriba tramada por sus amigos, le respondió benévolamente. Pues le dijo que quería permanecer siempre en su amor y benevolencia y que por ningún motivo se apartaría alguna de su fidelidad y servicio.” HC II, 86, 2.

⁷ Essa passagem teria ocorrido entre 1126 e 1128, quando Afonso Raimundes já ocuparia o trono de Leão e Castela e Teresa ainda estaria à frente do governo do Condado Portucalense. Por se tratar de um evento ocorrido após 1120, Diego Gelmírez já ocupava o cargo de arcebispo da Sede Compostelana.

No final desse capítulo (Livro II, capítulo 86), Diego Gelmírez, é retratado como um homem cuidadoso que embora tenha demonstrado as qualidades acima descritas, não permite que o rei explore os tesouros compostelanos. A passagem termina com o rei sendo persuadido a fazer inúmeras doações à Sede Compostelana, ao invés de receber dinheiro para a luta contra a Rainha Teresa, após o arcebispo falar que as doações seriam para o bem de sua alma após a morte.

No capítulo seguinte (Livro II, capítulo 87), que contém a mesma temática (negociações financeiras), o autor escreve que ele próprio teria estado presente nas negociações do arcebispo com o mesmo rei e transcreve o que teria ouvido, destacando a veracidade ao inserir o trecho:

[...] no dia seguinte, o rei veio ao capítulo com algumas poucas pessoas importantes e servidores da sua cúria, e na presença deste e de todos os irmãos, junto com outros probos e de autoridade, eu escutei com meus próprios ouvidos [...]” [Tradução livre] [grifo meu]⁸

Não é possível para o pesquisador saber se de fato o autor⁹ estava presente na cena, nem se ele transcreveu literalmente o que foi falado, mesmo que a *Historia Compostelana* tenha sido escrita contemporânea aos fatos narrados. Porém, podemos perceber, através desse exemplo, como a obra é parcial, visto que os autores pertencem ao círculo pessoal do protagonista, e poderiam alterar fatos acontecidos, para valorizar ainda mais a figura de Diego Gelmírez e assim justificar as posições políticas e ações do arcebispo em relação aos demais personagens (como no caso o poder secular), afirmando a ideia de que o clérigo visava apenas o bem da comunidade de Santiago de Compostela. Sendo assim, mesmo que a ação possa ter um cunho negativo (persuadir o rei a fazer doações a Sede, utilizando-se da religião e do destino da alma do jovem rei no Além Vida), elas são retratadas de forma positiva e justificável, ressaltando ainda mais a personalidade e as qualidades do clérigo.

⁸ Na edição de Emma Falque: “[...] Al día siguiente el rey vino a capítulo con unas pocas personas importantes y servidores de su curia, y en presencia de éste y de todos los hermanos, junto con otros varones probos y de autoridad yo escuché con mis propios oídos [...]” HC II, 87, 2.

⁹ Emma Falque acredita que a pessoa presente poderia ser Geraldo, pela temporalidade da cena, mas não há certeza acerca identidade do autor que testemunhou o episódio. *HISTORIA COMPOSTELANA*. Edição crítica de E. Falque. Madri: Akal, 1994. p. 478.

Perfil do bispo

Visando analisar a forma como a Rainha Teresa foi retratada na *Historia Compostelana*, irei traçar o perfil do bispo e de suas posturas políticas, e como elas se encaixam ao serem articuladas com as da Rainha Teresa, descritas no capítulo anterior. Não será apresentado toda a sua trajetória biográfica, pois isso estaria além dessa pesquisa. Será fornecido apenas dados relevantes para analisarmos a conjuntura política da produção da obra e o tratamento dado à governante do Condado Portugalense ao longo do documento.

Diego Gelmírez teria nascido em meados do século XI na Galiza, em uma família nobre da região. Sua posição social permitiu que estudasse na Catedral de Santiago de Compostela, uma formação com influências cluniacenses.

Na última década do século XI, quando o rei Afonso VI intitulou Raimundo de Borgonha e sua esposa Urraca como condes de Galiza, Diego Gelmírez foi nomeado como chanceler de sua casa, atuando com secretário e padre confessor.¹⁰ Enquanto isso, Raimundo era um benfeitor do clérigo, dando-lhe apoio político para crescer dentro da hierarquia da Igreja, indicando-o, inclusive, ao cargo de vigário¹¹ após a morte do bispo Dom Pedro II em 1093. Ele ocupou o posto até o ano seguinte, com a eleição no novo bispo Dalmácio (1094-1095).

Em 1094, o território governado pelo Conde Raimundo (nessa época corresponde à região da Galiza e do Condado de Portucale) foi atacado ao sul, perto da margem do rio Tejo, por exércitos almorávidas. Nessa ocasião, Diego Gelmírez teria prestado ajuda militar ao seu benfeitor no Cerco de Lisboa, no qual os exércitos cristãos foram derrotados. Esse fracasso teria gerado como consequência o casamento às pressas da Rainha Teresa com o Conde Henrique, e a divisão dos territórios¹² de Raimundo em duas porções: ao norte para Raimundo e o sul para Henrique, seu primo.

¹⁰ *HISTORIA COMPOSTELANA*. Edição crítica de E. Falque. Madri: Akal, 1994. p.9.

¹¹ Cargo destinado a direção da diocese na ausência de um bispo que ainda não tinha sido eleito. SILVEIRA, Marta de Carvalho. *Amor e poder: o casamento de Urraca e Alfonso*. Setembro de 1996. Dissertação de mestrado (Mestrado em história social). Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: UFRJ. p. 50.

¹² SOARES, Torquato Sousa. *O governo do Conde Henrique de Borgonha*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1975. p.372.

Em 1100, Diego Gelmírez parte em peregrinação para Roma, onde é ordenado pelo papa Pascoal II (1099-1118) como subdiácono, podendo assim concorrer ao cargo de bispo de Santiago de Compostela, sendo eleito no mesmo ano, no dia primeiro de julho, com o apoio da nobreza galega, do rei Afonso VI e do Conde Raimundo.

A partir daí, conquista uma grande participação política e o controle dos recursos econômicos gerados pelas peregrinações à Santiago e terras sob seu senhorio. No entanto, desde do início de sua gestão, ele visava elevar a importância da diocese de Santiago de Compostela à categoria de arquidiocese, equiparando-a a Roma e Jerusalém, outros locais de peregrinação no mundo cristão que possuíam sepulcros com o corpo de um dos apóstolos de Jesus Cristo. Porém, ele alcançou o título de arcebispo apenas no ano de 1120, durante o papado de Calisto II (1119-1120), irmão de seu benfeitor Conde Raimundo, então já falecido.

Silveira¹³ afirma que durante o período conhecido como “Época Gelmiriana” (1100-1140), ele teria estimulado a peregrinação ao túmulo do apóstolo, construído uma nova catedral e efetuado o traslado de relíquias de santos, tornando Santiago um dos principais centros da Cristandade.

No meio político, Diego Gelmírez teria sido nomeado tutor do filho do Conde Raimundo, Afonso Raimundes, nascido no ano de 1105, dois anos antes da morte de seu pai. Juntamente com o Conde Pedro Froillaz de Trava, o aio do menino, Gelmírez foi responsável pelos cuidados e sua educação, como também a proteção dos seus interesses.

O clérigo tinha a ambição de que o jovem infante fosse o rei de Leão e Castela no lugar de sua mãe Urraca, conquistando dessa forma um lugar de influência e possíveis benefícios da corte de seu futuro soberano. No entanto, com o casamento da Rainha Urraca com o rei Afonso I de Aragão, o Infante Afonso perdia lugar na linha sucessória para um possível futuro filho do novo casal.¹⁴

Segundo a pesquisa de Marta Silveira,¹⁵ tanto Diego Gelmírez, como a fonte *Historia Compostelana*, se posicionaram contrários à essa boda. A justificativa encontrada pelos autores é a de a união seria ilegítima pelos olhos da Igreja Romana, pois

¹³ SILVEIRA, Marta de Carvalho. *Amor e poder: o casamento de Urraca e Alfonso*. Setembro de 1996. Dissertação de mestrado (Mestrado em história social). Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: UFRJ, pp.148-160.

¹⁴ *Ibid.*, p. 215.

¹⁵ *Ibid.*, pp. 214-216.

os noivos seriam primos de sexto grau. Após a atuação de grupos contrários ao casal,¹⁶ o Papa Pascoal II anulou o casamento dos reis ibéricos em 1110, embora eles tivessem feito um pacto de apoio mútuo e não separação.¹⁷ Porém, diante da pressão de ambos os reinos e do papado, o casal se separou e entrou em conflito.

Urraca pediu apoio aos nobres galegos e ao bispo de Compostela, que exigiram o reconhecimento dos direitos de seu filho Afonso Raimundes como seu sucessor. É decidido que ele seria coroado Rei da Galiza, o que seria um primeiro passo para o infante e seus partidários conquistarem mais poder e influência.

A coroação, celebrada por Gelmírez, ocorreu no dia 17/09/1111 na Catedral de Santiago de Compostela, quando o menino tinha por volta dos seis anos de idade, garantindo seus direitos sucessórios na Galiza.¹⁸ Contudo, enquanto não atingisse a maioridade, o poder ficava nas mãos de seu aio, o Conde Pedro Froillaz de Trava, e de seu tutor, Diego Gelmírez.

Sendo assim, a política do bispo buscava, cada vez mais, aumentar sua zona de influência, o que acabou se chocando com os interesses de outros personagens políticos. Entre eles, a Rainha Teresa, que diante da crise sucessória, tinha o objetivo de aumentar ainda mais seus domínios. Como ser reconhecida como herdeira de Afonso VI estava fora de cogitação naquele contexto, ela tinha planos de aumentar sua autoridade no território da Galiza. Assim, aliou-se com a família Trava, o que desagradou o bispo, que via a relação de Teresa com o Conde Fernão Peres de Trava, um homem casado, como adultério e altamente perigosa, pois poderia ameaçar a sua influência na região. Dessa forma, o próprio Diego Gelmírez participou de batalhas e acordos políticos entre as irmãs Teresa e Urraca, e entre tia e sobrinho, quando Afonso VII atingiu a maioridade e a coroa de Leão e Castela após a morte de sua mãe, em 1126. Diego Gelmírez considerava Teresa uma governante ardilosa e pecadora, cuja inveja e soberba motivavam suas ações contra os próprios parentes e senhores.¹⁹

Mais incomodo que Teresa, para Diego Gelmírez e seus partidários, era o seu filho Afonso Henriques. As alianças e pretensões do jovem nobre, que embora herdadas de sua mãe eram contrárias a ela, foram vistas negativamente por Diego Gelmírez, que

¹⁶ Conferir capítulo 01.

¹⁷ SILVEIRA, *op. cit.* p. 215.

¹⁸ MATTOSO, José. *D. Afonso Henriques*. Rio de Mouro: Círculo de Leitores, 2006. p. 24.

¹⁹ HC I, 111 e HC I, 48.

considerava o infante rebelde e ingrato²⁰ em relação ao seu primo e suserano, o rei Afonso VII.

A chamada época geminiana durou quarenta anos (1100-1140). Diego Gelmírez esteve à frente da Sede Compostelana até a sua morte. Nesse trabalho não tratarei dos últimos anos de sua vida, pois Teresa morreu cerca de dez anos antes dele. Logo, a última década de sua vida não tem relevância direta para essa pesquisa.

Podemos resumir que o Bispo Diego Gelmírez teve um papel de destaque na política eclesiástica e laica na primeira metade do século XII no noroeste peninsular, pois soube conciliar seu cargo com sua atuação política.²¹ Portanto, a *Historia Compostelana* possui ao mesmo tempo trechos que tratam de questões de ordem leiga, como a política secular, como também de assuntos ligados à função que o protagonista, Diego Gelmírez, exerceu na Igreja de Compostela.

²⁰ HC III, 24.

²¹ SILVEIRA, Marta de Carvalho. *Amor e poder: o casamento de Urraca e Alfonso*. Setembro de 1996. Dissertação de mestrado (Mestrado em história social). Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: UFRJ.p.159.

Capítulo III

A Rainha Teresa na Historia Compostelana

Neste capítulo será trabalhado a forma como a Rainha Teresa foi retratada ao longo da *Historia Compostelana*. Serão analisadas as únicas seis menções, distribuídas nos três livros que compõem a fonte. Para isso, irei dividi-las em categorias de acordo com o assunto tratado em cada uma delas. Serão elas: Teresa e suas campanhas militares, Teresa e o governo do Condado Portucalense, Teresa e seus relacionamentos conjugais e Teresa e a salvação de sua alma. Devido à essa escolha de organização, as menções não serão expostas na ordem cronológica.¹

Análise da fonte

O assunto principal da obra são os feitos do Diego Gelmírez como bispo/arcebispo responsável pela diocese/arquidiocese de Santiago de Compostela. Dessa forma, a rainha Teresa não é um dos personagens principais na obra. Como ela não teria uma relação direta com o personagem principal e também por não governar a Galiza, região onde se localiza a referida igreja, Teresa é apenas citada ocasionalmente, quando suas ações e políticas influenciam diretamente o bispo e a diocese.

Pela divisão da *Historia Compostelana*, o período correspondente ao casamento de Teresa e Henrique estaria retratado cronologicamente no livro I, que cobriria os anos iniciais de Gelmírez, seu trabalho para o Conde Raimundo e sua esposa e os anos correspondente ao seu bispado, ou seja, do final do século XI até o final da segunda década do século XII, em 1120, quando a diocese é elevada à categoria de arcebispado. No entanto, a obra não retrata esse matrimônio diretamente. Uma explicação possível seria a de que a *História Compostelana* tem como lugar geográfico de produção a cidade de Santiago de Compostela, localizada no reino da Galiza. O Condado Portucalense, do

¹ Um dos motivos dessa decisão é que nem todas as passagens apresentam de forma precisa o momento em que ocorreram. Em alguns casos, a editora crítica Emma Falque fez tentativas de encaixar determinados trechos em algumas datas, porém são suposições. Nessa pesquisa, tentarei entender a razão desses silêncios e omissões da obra.

qual o casal Teresa e Henrique eram os governantes, não possuía relevância para a estratégia política do governo do bispo Diego Gelmírez.

Outro fator que podemos destacar é o fato de que esse casamento resultou da derrota que o exército de Raimundo sofreu na luta contra os almorávidas perto do rio Tejo, ao sul do território. Segundo Torquato de Souza Soares,² no ano da batalha (1094), Gelmírez trabalhava como conselheiro do conde Raimundo e esteve presente no conflito. Como os autores preferiram tratar apenas de aspectos positivos da vida do clérigo, eles desconsideraram todos os episódios que não favorecessem a imagem favorável do protagonista, como a derrota citada.

De qualquer forma, Teresa e Henrique são citados juntos na *História Compostelana* apenas para mencioná-los como os pais de Afonso Henriques,³ o infante que estava se revoltando contra seu primo e criticar o envolvimento amoroso de Teresa com seu amante galego, tema sobre o qual tratarei posteriormente.

As diversas menções à Rainha Teresa se dão, sobretudo, no período em que ela já estaria viúva de Henrique e envolvida nas guerras provenientes da crise sucessória gerada a partir do segundo casamento de sua irmã e durante seu enfiamento com seu filho. Ou seja, nas últimas duas décadas de sua vida (principalmente entre 1112 e 1128).

1. Teresa e suas campanhas militares

Nessa categoria irei descrever duas passagens que retratam a Rainha Teresa como uma governante que estaria envolvida em conflitos armados no território da Galiza. Em ambos os trechos ela estaria lutando contra os exércitos de sua irmã Urraca e do Bispo Diego Gelmírez, que tinha um acordo com a última. Ao longo de sua vida, Teresa acreditava ser merecedora da herança de seu pai Afonso VI, que antes de sua morte teria deixado tudo para sua filha legítima, Urraca. Não conformada, Teresa passa sua vida inteira com o propósito de aumentar cada vez mais sua influência política e seu poderio militar e territorial. Sendo assim, nessas passagens ela estaria tentando cumprir esses objetivos.

² SOARES, Torquato Sousa. *O governo do Conde Henrique de Borgonha*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1975. p. 61.

³ HC III, 24

Na primeira passagem,⁴ a Rainha Teresa é citada junto com a família dos Travas, em especial com o Conde Pedro Froillaz de Trava.⁵ Esse cenário seria o início da aliança entre eles (por volta de 1116). Nesse contexto, a Rainha Urraca teria conquistado opositores na Galiza, que apoiavam o seu filho Afonso Raimundes em detrimento do relacionamento da mesma com o rei aragonês Afonso I. Um desses opositores seria o nobre Gomez Nunez de Pombeiro, que governava o condado galego de Toroño. Ele era o marido de uma das filhas do Conde de Trava e também ocupou o cargo de Mordomo Mor no governo da Rainha Teresa e de seu marido Henrique. Devido a essas duas ligações, faria sentido que Teresa se unisse à família Trava, para ajudá-los em sua oposição à Urraca. Sem contar que tanto os Trava como Teresa tinham interesses contrários à política da rainha de Leão e Castela.

Na passagem, Urraca teria se dirigido à Galiza com o intuito de sitiá-lo conde Gomez Nunez. Porém, a partir da aliança de Teresa e dos Trava, eles invertem o ataque e sitiavam a Rainha Urraca no Castelo de Sobroso. Porém, a obra dá a entender que ela não permanece presa por muito tempo, pois é mencionado que, com a ajuda de seu exército, ela consegue se libertar e ir para Compostela se encontrar com Gelmírez.

Teresa, nessa menção, é retratada como uma governante que faz oposição à rainha de Leão e Castela, e possui um grande poderio de soldados “a pé e a cavalo”, capazes de sitiá-la rainha. Ela é retratada com uma das protagonistas das ações dos rebeldes, assim como os outros nobres da região. Essas características bélicas e de liderança mostram ao leitor que ela teria sido uma mulher com autoridade para liderar exércitos eficazes e relevantes, que entrariam em guerra para defender seus interesses políticos, contrários aos da coroa de Leão e Castela e, muitas vezes, em oposição aos do bispo Gelmírez, que não via com bons olhos as intenções da condessa Teresa.

Há no texto uma outra passagem⁶ que trata de alguns anos antes,⁷ quando o Conde Henrique (marido da Teresa) ainda estava vivo. Os episódios são semelhantes em relação ao assunto abordado: a ação dos galegos revoltosos contrários à Urraca. Nessa, Henrique, descrito como “tio da criança” [Afonso Raimundes], é chamado para aconselhar

⁴ HC I, 111.

⁵ O conde Pedro Froillaz de Trava era o pai do Fernão Peres de Trava e do Bermudo Peres de Trava. A princípio nenhum dos dois filhos estariam participando dessa situação.

⁶ HC I, 48.

⁷ Possivelmente 1110 ou 1111.

militarmente o partido galego. O conde português sugere que algo não ficou explícito,⁸ mas sabemos que ideia foi muito bem aceita por todos, indicando que os autores da obra conheciam os feitos militares do conde e aprovavam suas técnicas militares.

Assim, é possível perceber que a fonte constrói, de certo modo, uma boa imagem acerca do poderio tanto militar como estratégico do casal de condes. Trata também da aproximação que eles tiveram dos partidos galegos de oposição em relação à ação da rainha Urraca. Algo que ao mesmo tempo converge e diverge da política de Diego Gelmírez. Converge, pois, ele também é contrário ao casamento de Urraca com Afonso I de Aragão e tem interesses pessoais em ver Afonso Raimundes coroado rei. É divergente, pois na *Historia Compostelana*, Gelmírez não poderia se apresentar contrário à política de sua governante, sendo assim, ele tenta manter-se neutro, pendendo a ser favorável a ela quando convém. Fora que os condes portugueses tinham ambições territoriais que invadiam a área de domínio do senhorio do clérigo.

A segunda passagem que menciona as campanhas militares da Rainha Teresa é a que trata do incidente do rio. Nessa batalha estariam dois exércitos em oposição, cada um em uma margem diferente do rio. Em uma margem, os homens da Rainha Teresa e na outra, os exércitos de Urraca e do Arcebispo Gelmírez. Em um primeiro momento, o clérigo tem a ideia de ocupar uma ilha do meio do rio, deixando seus homens em posição estratégica em relação ao inimigo. Diante disso, a *Historia Compostelana*, para valorizar seu protagonista, afirma que essa tática foi muito eficaz e decisiva para os exércitos galegos,⁹ uma vez que “[...] os portugueses¹⁰ viram isso, admirando a audácia desenfreada do povo de Compostela, eles deixaram o campo e fugiram.”¹¹ [Tradução Livre]. Esse trecho poderia ter sido um recurso para indicar o leitor o poder militar dos exércitos de

⁸ Provavelmente ele dá a ideia de prender os cavaleiros que faltaram ao juramento feito a Afonso Raimundes e negociar sua liberdade, visando o controle do castelo de Miño. HC I, 48.

⁹ A Rainha Teresa teria feito aliança política com os Trava, uma família galega. Porém, ela não era necessariamente aliada de todos os habitantes da Galiza. Em umas batalhas, ela teria enfrentado exércitos de outros senhores galegos, cujos interesses se mostravam contrários aos dela. Como é o caso dessa passagem, na qual Teresa luta contra sua irmã Urraca que era apoiada pelo exército galego de Diego Gelmírez.

¹⁰ O termo ‘portugueses’ referem-se aos habitantes do Condado Portugalense pois nesse período o reino de Portugal ainda não era autônomo.

¹¹ Na edição de Emma Falque: “[...] los portugueses vieron esto, admirados de la audacia desenfrenada de los compostelanos, abandonaron el campamento y se dieron a la fuga”. HC II, 40.

Gelmírez e da rainha de Leão e Castela, em relação aos portugueses, que teriam ficado com medo e fugiram.

Assim, Urraca e Gelmírez puderam invadir os territórios portugueses e incendiar, roubar e atacar, como também sitiaram Teresa em uma fortaleza em Lanhoso. Porém, segundo a narrativa, começou a circular um boato de que Urraca iria trair seu aliado e mandaria prendê-lo. Nessa passagem, os autores decidem dar voz à Rainha Teresa, que se dirige ao bispo, por meio de mensageiros, com o seguinte discurso:

Cuide-se arcebispo. Porque, se você não cuida de si mesmo, minha irmã, sem dúvida, o aprisionará. Os mesmos íntimos que intervieram na decisão desse crime me explicaram como deveriam fazê-lo. Portanto, refugie em algum dos meus castelos para que você não seja capturado, e se não, retorne em meus navios para sua cidade. De outro modo, no momento em que passar pelo Minho, será feito prisioneiro.”¹² [Tradução Livre]

Diego Gelmírez rebate as afirmações da Rainha Teresa dizendo que confia plenamente na Rainha Urraca e que ela nunca iria se igualar à Judas Iscariotes¹³ e Jezabel,¹⁴ ao trair e perseguir um homem de fé. Porém, seguindo a leitura do documento, é possível perceber que a Rainha Teresa estava certa. Urraca de fato teria traído e mandado prender seu aliado. Após a prisão, Teresa não é mais mencionada.

Não é possível identificar qual seria a verdadeira motivação da Rainha Teresa em ajudar Diego Gelmírez a fugir de sua irmã. Provavelmente seria uma estratégia militar para separar seus oponentes e fugir do lugar aonde foi sitiada. Também não sabemos como ela se informou da trama, que acabou se concretizando. Podemos supor, talvez, que ela possuía espiões ou qualquer outro meio parecido de obter informações. O que é certo concluir é que a *Historia Compostelana* apresenta a Rainha Teresa como uma personagem forte militarmente e que é capaz de negociar com seu inimigo, visando sempre tirar proveito dessa estratégia. Destaco também as referências na narrativa tanto aos castelos como aos barcos oferecidos à Diego Gelmírez, que mostram que ela possuía

¹² Na edição de Emma Falque: “Cuídese el arzobispo. Pues si no se cuida, sin duda mi hermana le aprisionará. Los mismos íntimos que intervinieron en la decisión de este crimen me explicaron cómo han de harcelo. Por lo cual, refugiése en cualquiera de mis castillos para que no sea capturado, y si no, regrese em mis naves a su ciudad. De outro modo, en el momento en que pase el Miño, será hecho prisionero”. HC II 42.

¹³ Personagem da Bíblia que trai Jesus Cristo ao entregá-lo aos romanos.

¹⁴ Personagem do Velho Testamento que perseguia os que cultuavam o Deus de Israel. Nessa passagem, o autor utiliza-se da metáfora para aproximar os hebreus do Velho Testamento aos membros da Igreja Romana, ou seja, o próprio Gelmírez.

um bom aparado sob seu domínio, capaz de levar o clérigo em segurança à Compostela em uma de suas embarcações.

2. Teresa e o governo do Condado Portucalense

Na *Historia Compostelana*, foram retratados o governo e a política da Rainha Teresa em relação do Condado Portucalense durante o período em que ela governou sozinha como regente durante a menoridade de seu filho Afonso Henriques. Como a fonte foi produzida na região da Galiza, os autores, provavelmente, não tinham conhecimento do que de fato acontecia no condado. Porém, eles introduziram informações através de uma carta enviada pelo papa ao Bispo Diego Gelmírez, que deveria ser repassada para Teresa.

Essa correspondência do Papa Calixto II (1119-1124) para Diego Gelmírez trata de uma ação de Teresa que teria sido reprovada pela cúria papal e, de certa forma, pelo clero de Santiago de Compostela também:

Calixto, bispo, servo dos servos de Deus, à Diego, arcebispo compostelano, saúda e dá a benção apostólica.

Chegou a nós que a rainha Teresa de Portugal fez prisioneiro nosso irmão Pelayo, bispo de Braga, e que o ainda mantém em prisão. Por isto, dirigindo-lhe também nossas cartas, ordenamos que antes da próxima festividade do apóstolo São Tomás, o deixe livre e em paz junto com seus homens e suas coisas; caso contrário, desde então ditamos sentença de excomunhão contra ela e seus cúmplices, e proibimos em toda sua terra os divinos ofícios, com exceção dos batizados das crianças e da penitência dos moribundos, até que liberte este irmão e dê satisfação à Igreja de Roma sobre esta injúria. Mandamos, pois, irmão, a tua fraternidade, que admoeste a citada Teresa por cartas e mensageiros teus; e se não libertar o nosso referido irmão segundo o mandado da nossa carta no prazo determinado, reunidos os irmãos e coepíscopos daquelas regiões, faça que seja anunciada e que seja firmemente observada esta nossa disposição pelas tuas paróquias e as deles.

Em Agani a 24 de setembro. [Tradução Livre]¹⁵

¹⁵ Na edição de Emma Falque: “Calixto, obispo, siervo de los siervos de Dios, a Diego, arzobispo compostelano, salud y bendición apostólica. Há llegado a nosotros que la reina Teresa de Portugal ha hecho prisionero a nuestro Hermano Pelayo, obispo de Braga y que lo tiene aún en prisión. Por ello dirigiéndole también nuestras cartas, le ordenamos que antes de la próxima festividad del apostol Santo Tomás le deje libre y en paz junto con sus hombres y sus cosas; en caso contrario, desde entonces dictamos sentencia de excomunión contra ella y sus cómplices y prohibimos em toda su tierra los divinos ofícios con excepción de los bautizos de los niños y la penitencia de los moribundos hasta que deje libre a este Hermano y dé satisfacción a la iglesia de Roma sobre esta injuria. Mandamos, pues, Hermano, a tu fraternidad que amonestes a la citada Teresa por cartas y mensajeros tuyos; y si no dejare libre a dicho Hermano nuestro según el mandato de nuestra carta en el plazo determinado, reunidos los hermanos y coepíscopos de

Emma Falque, em uma nota explicativa dessa passagem, menciona uma possível datação para o documento. Segundo ela, a carta seria de 1122. Nela, há uma reprovação do comportamento de Teresa ao prender o arcebispo de Braga Paio Mendes [Pelayo] e uma ameaça: a excomunhão dela e de seus cúmplices, como também a não realização dos sacramentos do batismo e unção dos enfermos no território de seus domínios, caso ela não soltasse o clérigo até o dia de São Tomás (dia 21 de dezembro). Logo, a Rainha Teresa teria mais ou menos três meses para cumprir à ordem papal. Na carta há também um pedido feito pelo remetente para que Diego Gelmírez interceda pela situação.

Não se sabe aonde teria ocorrido essa prisão (se foi na cidade de Braga, aonde ele atuava, ou em Zamora, lugar que ele esteve no início de 1122, ao voltar de Roma). José Mattoso¹⁶ escreve que Teresa teria soltado o clérigo em novembro de 1122, pois após essa data, teria voltando a subscrever documentos da cúria portuguesa. O autor não deixa claro o motivo da prisão.

3. Teresa e seus relacionamentos conjugais

Na *Historia Compostelana* há também um trecho que os autores mencionam o relacionamento íntimo da Rainha Teresa com o Conde Fernão Peres de Trava, de forma imparcial:

O infante de Portugal, filho do conde Henrique, chamado Afonso, depois de ter conseguido a terra de Portugal, arrebatando-a pela força de Fernando Peres de trava,¹⁷ filho do conde Pedro [Froilaz de Trava], que teria abandonado a sua legitima esposa e vivia em adultério com a mãe do dito infante, a rainha Teresa, em toda aquela terra atuava como príncipe, teve um grande enfrentamento e guerra com rei Afonso, filho do conde Raimundo e da rainha Urraca [...]” [Tradução Livre] [Grifo meu]¹⁸

aquellas regiones, haz que sea anunciada y que sea firmemente observada esta disposición nuestra por tus parroquias y las de ellos. En Anagni a 24 de septiembre.” HC II, 58.

¹⁶ MATTOSO, José. *D. Afonso Henriques*. Rio de Mouro: Círculo de Leitores, 2006. p.39.

¹⁷ Também chamado de Fernão Peres de Trava.

¹⁸ Na edição de Emma Falque: “El infante de Portugal, hijo del conde Enrique, llamado Alfonso, después de haber conseguido la tierra de Portugal arrebatándola por la fuerza a Fernando Pérez, hijo del Conde Pedro, quien tras abandonar a su legítima esposa vivía em adulterio por entonces con la madre de dicho infante, la reina Teresa, y en toda aquella tierra acruaba como príncipe, tuvo un gran enfrentamiento y guerra con el rey Alfonso, hijo del conde Raimundo y de la reina doña Urraca [...] HC III, 24.

Nessa passagem, os autores estão tratando sobre as batalhas travadas entre Afonso Henriques e Afonso VII, em meados dos anos 30 do século XII. Nesse período, a Rainha Teresa e seus partidários já teriam perdido a batalha de São Mamede (1128) e encontravam-se exilados na região da Galiza. Enquanto isso, o filho dela governava Portugal, e iniciava-se um processo de formação de um reino autônomo, o que desagradava o governante de Leão e Castela e o arcebispo Gelmírez, que via a ação do infante como alguém que foi marcado pela soberba e arrogância, que se revolta contra seu senhorio.

Porém, para introduzir o infante Afonso Henriques na narrativa, o autor utiliza-se de um recurso genealógico para explicar quem eram seus pais: o Conde Henrique e a Rainha Teresa. Como nesse período o pai já estaria morto (ele morre em 1112), ele é apenas citado. Em relação à Rainha Teresa, a obra decide indicar que ela foi exilada do seu território ao perder à batalha contra o seu filho. Porém, a Batalha de São Mamede não é mencionada. Em seu lugar, o autor aproveita da oportunidade para tratar de uma situação que provavelmente incomodava os clérigos de Santiago: a “vida pecaminosa” dela.

Em outra passagem¹⁹ já teria sido mencionado a aliança política que ela teria feito com a Família Trava, porém agora é descrito a relação da Rainha Teresa com um dos membros da família: o Conde Fernão Peres de Trava. Segundo o autor, eles viviam juntos em adultério, visto que ele teria abandonado uma esposa viva para ficar com a Teresa.

Pela visão da Igreja, o matrimônio, instituído por Deus, deveria ser a união entre apenas duas pessoas, necessariamente de sexos opostos, unidas por consentimento e vontade própria, a partir do qual ambos iriam desligar-se de seus progenitores para transformarem-se em uma unidade indissolúvel, pois segundo a Bíblia, “o que Deus uniu, não deve o homem separá-lo”.²⁰ Ou seja, para os clérigos que escreveram a *Historia Compostelana*, o casamento de Fernão Peres com sua primeira esposa seria algo indissolúvel. Ele estaria ligado a ela enquanto ambos estivessem vivos. Sua vida com Teresa caracterizava-se como adultério.

¹⁹ Como por exemplo no episódio do Cerco em Sobroso. HC I, 111.

²⁰ A Bíblia. Mateus 19:6 *apud* DUBY, Georges. *O cavaleiro, a mulher e o padre: o casamento na França feudal*. Lisboa: Dom Quixote, 1988, p. 22.

Esse julgamento do compositor do trecho não foi feito apenas para a Rainha Teresa e seu amante. No parágrafo seguinte, há também a descrição do relacionamento conjugal da Rainha Urraca, que teria tido filhos com o Conde Pedro Gonçalves de Lara, com quem ela vivia sem estar ligada pelos laços matrimoniais.

Sendo assim, é possível concluir que nessas passagens os autores não estão criticando Teresa apenas por suas posturas como governante, contrárias aos interesses do Bispo Diego Gelmírez. A reprovação da vida amorosa tanto de Teresa como de Urraca ocorre por elas serem mulheres que se envolvem com homens que, segundo a Igreja, elas não poderiam. Na visão dos autores, ambas viviam em pecado da luxúria.

Porém, se analisarmos a questão pela ótica da nobreza, ambos os relacionamentos são nada mais do que frutos de relações políticas. George Duby escreve que para a nobreza, o casamento era uma das principais formas de se estabelecer alianças políticas e aumentar dessa forma as riquezas. O enlace era visto como um acordo que garantia a mistura do sangue e transmissão, de uma geração à outra, uma herança, antepassados e títulos.²¹ Sendo o principal objetivo era a perpetuação da família e geração de novos membros, futuros acordos em potencial.

Esses acordos poderiam inclusive serem desfeitos. Caso se achasse uma opção mais satisfatória, com mais lucros e riquezas, o homem poderia repudiar a esposa e desposar com outra mulher, como também havia espaço para as concubinas.²² Dessa forma, a ação descrita pelos autores de que Fernão Peres de Trava abandonou sua esposa viva para viver com a Rainha Teresa teria espaço na aristocracia, já que o seu relacionamento com a governante do Condado Portucalense lhe proporcionaria mais vantagens que a antiga união.

4. Teresa e a salvação de sua alma

Ao longo da obra, as ações e menções à Rainha Teresa são em sua maioria descritas com uma conotação negativa segundo a visão dos clérigos autores. Tanto seu poderio militar, como sua personalidade, sua política e sua vida particular são criticadas. No entanto, há uma passagem que Diego Gelmírez tenta negociar com ela. Através de uma carta com uma conotação elogiosa, ele tenta convence-la a ser enterrada na Igreja de

²¹ *Ibid.*, p. 30.

²² *Ibid.*, p. 34-35.

Santiago de Compostela após a sua morte, elogiando sua nobreza e mostrando-se preocupado com a salvação de sua alma:

Depois que o arcebispo viu que havia conseguido as duas promessas anteriores, uma do rei e outra da infanta sua irmã [Sancha Raimundes], enviou uma carta à rainha de Portugal, dona Teresa, tia do rei, com essas palavras:

Venerável Rainha, pelo presente colocamos ao conhecido da sua nobreza que nosso senhor o rei Afonso e sua irmã, a infanta, vindo por suas almas e seguindo nosso conselho, concederam seus corpos à Igreja de Santiago, para serem enterrados, e prometeram parte de seus senhorios para a salvação e remédio de suas almas. Por isso, rogamos, exortando a tua prudência, que seguindo exemplo deles, prometa teu corpo à referida igreja para ser enterrado, e cumpra o prometido. Vistas essas cartas, a citada Rainha se alegrou ante a petição do arcebispo, que era justa e razoável e muito proveitosa para si. E o que o arcebispo pediu em sua carta a ela com animo gozoso e alegre rosto o concedeu, na presença de um dos cardiais de Santiago e de muitas outras pessoas. E prometeu, na presença de todos que doaria grande parte de seu senhorio à mesma igreja na hora de sua morte. [Tradução Livre]²³

Nessa passagem, Diego Gelmírez, após convencer²⁴ o rei Afonso VII e a infanta Sancha Raimundes (irmã do rei – filha de Urraca e Raimundo) a realizarem doações a Sé de Compostela, em troca de um jazido na Igreja Compostelana, trata o mesmo assunto com a Rainha Teresa. Segundo a obra, ela teria ficado satisfeita em ser sepultada no local e doaria, em contrapartida, grande parte das suas terras após a morte.

Podemos concluir que o Diego Gelmírez, ocupando o cargo de arcebispo de Compostela, utilizou-se de uma política ligada ao plano superior (descanso das almas da família real) para conseguir um maior número de doações para a sede. O autor ainda tenta confirmar que Teresa estava contente com a oferta e sairia no lucro, pois a proposta teria

²³ Na edição de Emma Falque: “Después que el arzobispo vio que había conseguido las dos promesas anteriores, una del rey, la outra de la infanta sua hermana, envió una carta a la reina de Portugal doña Teresa, tía del rey, com estas palabras.

Venerable reina, por la presente ponemos em conocimiento de tu nobleza que nuestro señor el rey Alfonso y su hermana la infanta viendo por sus almas y siguiendo nuestro consejo han concedido sus cuerpos a la iglesia de Santiago para ser enterrados y han prometido parte de sus señorios a la misma iglesia por la salvación y remédio de sus almas. Por ello rogamos exhortando a tu prudencia que siguiendo el ejemplo de ellos prometas tu cuerpo a la referida iglesia para ser enterrado y cumplas lo prometido. Vistas estas cartas, la citada reina se alegró ante la petición del arzobispo, que era justa y razonable y muy provechosa para sí. Y lo que el arzobispo pidió en su carta de ella, con ánimo gozoso y alegre rostro se lo concedió en presencia de uno de los cardenales de Santiago y de otras muchas personas y prometió delante de todos que donaría gran parte de su señorío a la misma iglesia a la hora de su muerte.” HC II, 89.

²⁴ Os capítulos que tratam desses assuntos são HC II, 87- 88.

sido considerada “justa e razoável e muito proveitosa para si” e que o protagonista estaria sendo generoso em conceder essa oportunidade para a Salvação da Alma da governante de Portugal, outra de suas inúmeras qualidades apresentadas na obra.

É curioso perceber que essa é a única menção dada a Rainha Teresa com um cunho positivo em toda a obra. Isso ocorre pelo fato de que, para Diego Gelmírez (e de seus clérigos autores), um túmulo na Igreja de Santiago de Compostela poderia ser usado como moeda de troca para determinadas personalidades políticas. E como Teresa pertencia à família real e possui diversos bens, o bispo negociou a salvação da alma dessa mulher pecadora visando em primeiro lugar os ganhos de sua diocese.

Emma Falque, em uma nota de rodapé, afirma que nenhum dos três personagens foi de fato enterrado na Igreja de Santiago de Compostela.²⁵ E acerca das posses da Teresa, nos anos finais de sua vida, ela teria sido exilada na Galiza, enquanto os bens do seu senhorio passaram a ser administrados por seu filho Afonso Henriques, vencedor da Batalha de São Mamede (1128). Assim, no final das contas, Diego Gelmírez não ganhou sua doação, nem Teresa seu jazido na Igreja galega.

Considerações parciais

Por apresentar a visão dos partidários do bispo Diego Gelmírez, a Rainha Teresa é retratada de forma negativa na *Historia Compostelana*. Os autores destacaram principalmente sua conduta bélica e sua busca pelo poder, caracterizando o pecado da cobiça em relação ao trono de sua meia-irmã Urraca. Sobre a sua postura como líder política, ela é vista como uma governante cujas ações foram pouco prudentes (como por exemplo, mandou prender um clérigo) necessitam da intervenção papal. Outro aspecto destacado é seu relacionamento com o Conde Fernão Peres de Trava. Ambos estariam cometendo adultério por irem contra a moral cristã de casamento.

Embora Teresa possua um comportamento reprovável ao longo da obra, Diego Gelmírez oferece a ela um túmulo da Igreja de Compostela. Essa passagem mostra ao leitor, que ela teria suas ações perdoadas caso fizesse doações ao clérigo, que segundo a obra estava sendo justo e generoso.

²⁵ Segundo Emma Falque, Afonso VII foi enterrado em Toledo, Sancha Raimundes em San Isidoro de León e Teresa atualmente está sepultada em Braga. In: *HISTORIA COMPOSTELANA*. Edição crítica de E. Falque. Madri: Akal, 1994. p. 478 et seq.

De maneira geral, o perfil de Teresa na obra é traçado de forma negativa. Mas, na *Historia Compostela*, suas atitudes poderiam ser absolvidas pelo clérigo. Esta perspectiva pode ser interpretada como uma estratégia discursiva que visa realçar a autoridade da Igreja de Compostela, acima das demais, e com poder, inclusive, para perdoar.

Considerações Finais

Historia Compostelana é uma obra galega escrita na primeira metade do século XII que narra a trajetória e os feitos do clérigo Diego Gelmírez, que foi bispo (1100-1120) e, posteriormente, primeiro arcebispo¹ (1120-1140) da Igreja de Santiago de Compostela. Por ser escrita por partidários do personagem central, a obra, ao relatar sobre a participação de Gelmírez em acontecimentos políticos e eclesiásticos, utiliza-se do ponto de vista político do mesmo. Dessa forma, suas qualidades e ações são sempre destacadas em detrimento dos demais personagens, sejam eles clérigos ou leigos.

Diego Gelmírez governou a Igreja de Santiago de Compostela durante cerca de quarenta anos (1100-1140), no período que ficou conhecido como “Época Gelmiriana”. Sua política visava o crescimento e enriquecimento da arquidiocese, em meio às disputas ocorridas no reino de Leão e Castela no início do século XII. Desta forma, como a historiografia tem pontuado, ele formava alianças com o poder leigo de acordo com suas próprias conveniências imediatas.

Um dos personagens apresentados ao longo da *Historia Compostelana* é a Rainha Teresa. Ela foi a filha bastarda do rei Afonso VI de Leão e Castela, que ao casar com um conde borgonhês, recebeu o Condado Portucalense como dote. Após alguns anos, ela torna-se viúva e passa a comandá-lo como regente de seu filho Afonso Henriques, ainda menor de idade.

Diante da crise sucessória ocorrida no Reino Castelhana-leonês na segunda década do século XII proveniente do casamento de Urraca e Afonso I de Aragão, Teresa forma uma aliança política com a família dos Trava. Além disso, envolveu-se em um relacionamento com um dos membros desta parentela, o Conde Fernão Peres de Trava. Nesse acordo, ambas as partes visavam a conquista de uma maior autonomia e o aumento territorial.

Sendo assim, a política expansionista da Rainha Teresa afetou diretamente o senhorio do Bispo Gelmírez e seus domínios. Muitas vezes os exércitos de ambos teriam

¹ Em 1120, o papa Calixto II eleva a categoria de arquidiocese a Igreja de Santiago de Compostela.

entrado em conflito, refletindo assim a forma como a Rainha Teresa seria retratada ao longo da obra.

Tanto características militares, políticas e pessoais da Rainha foram tratadas, sempre de maneira pejorativa. Pela visão da obra, ela teria sido uma mulher fruto de um relacionamento fora do casamento oficial, ou seja, uma bastarda, volúvel, com ambição e ganância para aumentar seus domínios sob territórios que não lhe dizem respeito. Ainda segundo a *Historia Compostelana*, ela seria uma governante capaz de tudo para atingir seus objetivos, desde da prisão de um membro do clero português,² como se envolver em um relacionamento com um nobre casado,³ visando aumentar ainda mais seu poderio.

Como Teresa sempre apresentou uma certa ambição de aumentar seus domínios e não se submeter ao poder de sua irmã, a Rainha Urraca e o seu sobrinho, Afonso VII, faria sentido ela ser retratada na obra como uma governante, que, embora fosse forte militarmente, possuía atitudes ruins no campo político e em sua vida pessoal pecaminosa. A única vez que os autores da obra mencionam Teresa de forma positiva é no trecho em que é narrado que Diego Gelmírez a persuadiu a fazer a doação de parte do seu senhorio em troca de um jazido na Igreja de Santiago de Compostela. Como ele tinha o interesse de convence-la a negociar com ele, o uso de adjetivos e formas de tratamento com cunho positivo ganharam espaço no texto para justificar o ato considerado benevolente do clérigo, que tentava aumentar ainda mais seus domínios e tesouros. Essa parte da obra nos mostra o quanto a imagem da Rainha Teresa é retratada de acordo com o interesse específicos dos promotores e autores do texto.

Há outros motivos para que as menções dadas à Teresa no texto sejam em sua maioria negativas. Como, por exemplo, a situação do Condado Portucalense durante a escrita da obra, finalizada apenas em 1149. Nesse contexto, sob a direção do rei Afonso Henriques, filho de Teresa, Portugal estava passando por um processo de formação de um reino autônomo em relação à Leão, Castela e Galiza. Essa realidade desagradava os partidários de Gelmírez, que viam as atitudes do novo rei como um ato de rebeldia contra o seu primo Afonso VII.

² HC II 58

³ A esposa do Fernão Peres de Trava ainda estava viva quando o relacionamento com Teresa foi iniciado, conforme informação destacada pela obra em HC III, 24.

Na *Historia Compostelana*, o vínculo de mãe e filho é destacado, o que demonstra a importância política de ambos naquele contexto, pois não são todos os personagens que possuem suas ligações genealógicas descritas na narrativa.⁴ Vale destacar, porém, que a ligação de Afonso Henriques com o avô, Afonso VI, não é mencionada. Portanto, esse jogo de informação e omissão presente na obra permite chegarmos à conclusão de que para os autores, Afonso Henriques poderia ter herdado seu comportamento inconveniente de seus pais, ou mais especificamente de sua mãe, que no mesmo trecho da obra é descrita pejorativamente como adúltera.

Em vista disso, podemos perceber que a *Historia Compostelana*, ao narrar alguns acontecimentos políticos pelo ponto de vista de seu protagonista Diego Gelmírez, apresenta determinados personagens e suas características de acordo com os objetivos e interesses do clérigo. A Rainha Teresa, por ter ambições territoriais e uma política oposta a do arcebispo, foi retratada de forma predominantemente negativa, com exceção de uma passagem, que se vincula aos interesses dos autores em realçar ainda mais o protagonista.

⁴ Como exemplo, temos a própria rainha Teresa, que em momento algum aparece que ela é filha do Rei Afonso VI e sua concubina. O máximo de informações genealógicas levantadas é sua ligação fraterna com a Rainha Urraca.

Bibliografia

Fonte:

HISTORIA COMPOSTELANA. Edição crítica de E. Falque. Madri: Akal, 1994.

Bibliografia:

ARIÉS, Philippe; DUBY, Georges; Veyne, Paul. *História da vida privada – da Europa feudal à Renascença*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2009, v.2.

BASCHET, Jérôme. *A civilização Feudal: do ano 1000 à colonização da América*. São Paulo: Globo, 2006.

DUBY, Georges. *Idade Média, idade dos homens: do amor e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. (Mariane Godoy tem)

DUBY, Georges. *O cavaleiro, a mulher e o padre: o casamento na França feudal*. Lisboa: Dom Quixote, 1988.

DUBY, Georges; PERROT, Michelle (dir.) KAPLISCH ZUBER, Christiane.(org.) *História das Mulheres - A Idade Média*. Porto - São Paulo; Afrontamento - EBRADIL, 1990.

ERDMANN, Carl *O Papado e Portugal no primeiro século da história portuguesa*, Coimbra: Coimbra Editora, 1935. Reed. facs., Braga: Comissão Executiva do 2.º Congresso Histórico de Guimarães, 1996.

FERREIRA, Maria do Rosário. Afonso Henriques: do valor fundacional da desobediência. *Cahiers d'études hispaniques médiévales*, nº34, p.55-70, 2011.

FRANCO JR., Hilário. *A Idade Média. O Nascimento do Ocidente*. São Paulo: Brasiliense, 2001

KLAPISCH- ZUBER, Christiane. Masculino e feminino. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude (Orgs.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Bauru, SP: Edusc, 2006. 2v. V.2, p.137- 150

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas, SP: UNICAMP, 1990

LE GOFF, Jacques. Rei. In: __; SCHIMIT, Jean- Claude (Orgs.) *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Bauru, SP: Edusc, 2006. 2v. V.2, p. 395-414.

- LIMA, Marcelo Pereira. *Igreja papal e o casamento: a legislação do pontificado de Inocêncio III*. 2001. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto De História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.
- LINAGE CONDE, Antonio. *Alfonso VI, el rey hispano y europeo de las três religiones (1065-1109)*. Burgos: La Olmeda, 1994.
- MARQUES, Antônio Henrique de Oliveira. *História de Portugal*. Lisboa: Palas, 1974.
- MATTOSO, José. A formação da nacionalidade. In: Tengarrinha, José (et al). *História de Portugal*. Bauru, SP: Ed. UNESP, 2000.
- MATTOSO, José. *D. Afonso Henriques*. Rio de Mouro: Círculo de Leitores, 2006.
- MATTOSO, José. *Ricos-homens, infanções e cavaleiro: a nobreza medieval portuguesa nos séculos XI e XII*. Lisboa: Guimarães, 1985.
- Medieval. Bauru, SP: Edusc, 2006. 2v. V.2, p. 395-414
- RUCQUOI, Adeline. *História medieval da Península Ibérica*. Lisboa: Estampa, 1995.
- SCOTT, J. História das mulheres. In: BURKE, P. (Org.) . *A escrita da História*. São Paulo: Unesp, 1992. p. 64-94.
- SILVEIRA, Marta de Carvalho. *Amor e poder: o casamento de Urraca e Alfonso*. 1996. Dissertação de mestrado (Mestrado em história social). Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.
- SOARES, Torquato Sousa. *O governo do Conde Henrique de Borgonha*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1975.
- SOARES, Torquato Sousa. *Reflexões sobre a origem e a formação de Portugal*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1962.